



Paolo Polito*

Aray: Simplesmente Julio

Minhas lembranças de Julio Aray vêm dos anos 70, quando estava fazendo meu curso de pós-graduação em psiquiatria na Universidade Central da Venezuela e ele vinha, às vezes, como professor conferencista convidado às reuniões clínicas das sextas-feiras. Esses eram dias especiais, dado que Julio Aray foi sempre generoso com seu conhecimento e sua experiência psicanalítica. Depois, nos anos 80, reencontrei-o na Asovep (Asociación Venezolana de Psicoanálisis) como didata e, nos últimos dois anos de minha formação, como diretor do Instituto. Anos difíceis pela divisão de nossa Associação, quando prestigiados professores, colegas e amigos fundaram a SPC (Sociedad Psicoanalítica de Caracas). Suprindo a ausência de professores, Julio Aray compartilhava com os candidatos seus conhecimentos psicanalíticos e sua biblioteca pessoal.

Julio Aray insistia em ser tratado pelo primeiro nome, em ser chamado de Julio, simplesmente Julio. Seguindo as ideias do seu livro *Sadismo en la enseñanza* (1979), ele respeitava a comunicação horizontal e sempre esteve contra a infantilização dos candidatos.

Julio foi um trabalhador incansável, sua extensa casuística era surpreendente em nosso ambiente. Acho que sua obra mais importante, por ser única em seu

* Asociación Venezolana de Psicoanálisis.

estilo, além de ser muito completa, foi *Aborto: estudio psicoanalítico*, de 1968; sua *opera prima*, reeditada, revisada e ampliada em 1988. Seus livros são coletâneas de trabalhos apresentados na Asovep e em jornadas latino-americanas de nossa área. É importante destacar, por serem temas pouco tratados, seus trabalhos sobre o filho natural e sobre o guerrilheiro.

Julio afirmava que na primeira frase que o paciente diz, ao começar a sessão analítica, está contida toda a sessão e até toda sua história, em forma de uma representação fractal. Eu acrescentaria: na primeira frase e em suas associações, que são, de fato, infinitas. Esta é uma ideia na linha do que George Devereux – que também estudou especialmente o aborto em 1955 – aborda, quando explicita alguns dos seus princípios metodológicos, ou seja: em primeiro lugar, aquele que afirma que, se fizermos um inventário das diferentes manifestações culturais possíveis em um grupo amplo e variado de culturas, sobre um tema específico, por exemplo, o citado aborto, encontraremos todas essas condutas culturais, pensamentos, mitos etc., em uma só cultura; em segundo lugar, afirma que as descobertas dos estudos psicológicos superficiais e extensos, se encontram também nos estudos limitados em número, mas estudados em profundidade. Quer dizer, todas as variações em condutas, pensamentos e fantasias encontradas em estudos estatísticos extensos, estão contidas no estudo de um só indivíduo feito em profundidade, com metodologia psicanalítica.

Uma pesquisa psicanalítica como a de Julio Aray sobre o aborto tem então validade universal se aceitamos os princípios metodológicos expostos anteriormente. Eu concordo com essa ideia, e é por isso que afirmo que as descobertas psicanalíticas de Sigmund Freud na Viena do século XIX são válidas hoje em dia seja nas ilhas Trobriand, na ilha Normandy, em Caracas ou em Buenos Aires.

Em sua pesquisa sobre o aborto, Julio vai desde os aspectos gerais relacionados com a análise do luto e suas defesas, até outros aspectos mais pontuais: o estudo do suicídio, a sublimação, os efeitos do aborto no parceiro masculino do casal, as vicissitudes do casal que aborta e os efeitos desse aborto nas crianças jovens do casal.

Os exemplos clínicos apresentados ao longo do livro mostram a fé de Julio Aray – no sentido bioniano da palavra – na psicanálise e no método psicanalítico. Julio se engaja com seus pacientes, acompanhando-os em sua busca pela verdade, por mais difícil e dolorosa que esta possa ser. Não teme a análise da transferência e da contra-transferência, nem sair do consultório, caso a análise assim o necessite, com pacientes hospitalizados, para os quais o enquadre é a do psicanalista com função analítica.

Julio Aray introduz o tema corajosamente, chamando as coisas por seu nome. Honrando Arnaldo Rascovsky, seu mentor e mestre, ele escreve: o aborto é um filicídio, que neste caso não tem nada de simbólico. É real. É um fato concreto e consumado. Parafraseando Freud: *matam uma criança*. Esta situação tem conotações sinistras e isso explica a razão pela qual não se tem prestado muita atenção científica ao tema, visto que sua pesquisa necessita de uma análise contínua da transferência, para que a análise não seja abortada e, principalmente, uma análise da contratransferência, para que o psicanalista não aborte o tratamento por uma contraidentificação.

Julio expõe características semelhantes no luto por um aborto, seja espontâneo ou induzido¹. No aborto induzido se ativam defesas primitivas, primeiramente a negação, junto a outras defesas maníacas que, ao serem interpretadas, se tornam

¹ É interessante que em espanhol se use a mesma palavra tanto para o aborto espontâneo como para o aborto induzido. Na Venezuela, por exemplo, para diferenciá-los, as mulheres usam para o aborto espontâneo a palavra espanhola *pérdida*. Em inglês e em francês, se usam termos diferentes: *miscarriage* e *abortion* em inglês e *fausse couche* e *avortement* em francês.

culpa persecutória e logo elaboração depressiva e reparação. No aborto espontâneo, o luto é uma possibilidade que depende da segunda série complementar: os fatores predisponentes. Julio aponta que a experiência do aborto retoma lutos anteriores não elaborados, ou insuficientemente elaborados, razão pela qual as defesas primitivas estarão presentes, enquanto nos casos de pessoas com um Eu melhor estruturado e fatores predisponentes relativamente elaborados, o luto continuará o percurso definido pela culpa depressiva.

Há características específicas do luto na mulher que aborta que o diferenciam de outras condições associadas à perda gestacional. Primeiro, o dano causado não acontece exclusivamente na fantasia, mata-se na realidade; logo, há uma perda real de partes do Eu corporal que podem implicar a perda do útero e da capacidade reprodutiva da mulher. E finalmente, há perda de partes do Eu psicológico por identificação com o feto. Nesse luto encontramos circunstâncias que favorecem a negação, a estagnação do luto e das defesas maníacas, como a anestesia ou o não ver o objeto danificado ou perdido. Outros fatores aumentam as angústias persecutórias, como a vulnerabilidade do objeto, a culpa pelo dano ao objeto e ao Eu, ou a perda da própria vida por identificação com o feto perdido, relacionada com atuações masoquistas e com o suicídio. Os filhos de pais que já abortaram têm maior tendência a abortarem por identificação com o *casal parental filicida*.

Quando Julio Aray refletia sobre esses temas, incluía a mulher que aborta, seu parceiro masculino e as crianças. Atualmente incluímos os casais homossexuais femininos e masculinos que recorrem a uma inseminação artificial ou fertilização *in vitro* e a uma mãe substituta que poderia abortar. Aqui pode se ver a atualidade do pensamento psicanalítico de Julio, uma obra aberta ao diálogo com as transformações e mutações do social. No caso de casais homossexuais femininos o mais comum é que recorram à inseminação de uma delas. Nesse caso, as vicissitudes emocionais conscientes podem variar, mas as inconscientes seriam semelhantes às de um casal heterossexual, já que a mulher grávida seria uma integrante do casal parental. Isso quer dizer que todas as ambivalências quanto à gravidez estariam presentes em conformidade com as séries complementares. No casal homossexual masculino aparecem outras variáveis por terem que recorrer a uma mãe substituta, uma barriga de aluguel que é estranha para eles. Ela engravida e recebe um pagamento acordado por seu trabalho, devendo entregar o produto de sua gravidez. Aparecem então fantasias de roubo da criança, tanto na mãe substituta que deseja roubar o produto de sua gravidez, como a experiência dos pais que contratam o serviço roubando o bebê dela. No casal homossexual (e também nos casais heterossexuais que recorrem a esse método para terem um filho) aparece a fantasia de roubar os bebês da mãe. O contrato legal que se assina entre as partes não protege nem evita as vicissitudes emocionais inconscientes que seguramente se manifestam. O aborto da mãe substituta pode se relacionar com fantasias paranoides de roubo do bebê que impliquem a trágica solução de “prefiro que esteja morto do que nos braços de outros pais”. É um pré requisito *sine qua non* que a mãe substituta tenha tido um ou mais filhos antes de exercer esta função para assim aliviar seus sentimentos de perda, pois esta mãe poderia viver esta experiência como a de ter tido um aborto de um feto vivo a termo!

Embora Julio não fosse psicanalista de crianças, ele transmitia uma preocupação pelo bem-estar dos filhos dos seus analisados. Ele afirmava que a comunicação de inconsciente a inconsciente era muito mais eficiente e verdadeira que a comunicação verbal consciente e racional e é por isso que ante um aborto materno o filho reage de uma forma muito emocional ao percebê-lo inconscientemente. A criança sente angústia ante o *casal parental filicida* que também pode eliminá-lo;

também pode se sentir culpado pela perda devido a sua rivalidade assassina; ou pode querer salvar os pais como bons objetos preferindo ser ele o culpado; além disso, pode querer reparar seu irmão perdido recuperando-o simbolicamente, dramatizando uma gravidez e um parto de um objeto substitutivo bom. Recordo-me especialmente de uma criança de cinco anos logo depois do aborto espontâneo da mãe; ele engoliu sua bola de gude preferida e depois evacuou em um penico até que, cheio de alegria, a recuperou, lavou-a e continuou brincando com ela. Este é um exemplo semelhante ao que narra detalhadamente Sara G. de Jarast no capítulo VIII do livro de Aray.²

O inédito, e ainda mais negligenciado tema dos efeitos do aborto no parceiro masculino é abordado duplamente tanto por Matilde e Arnaldo Rascovsky, como também por Julio Aray em três capítulos e ao longo de toda a obra. Vemos assim que o caso relatado em um capítulo dedicado ao suicídio é o de um homem. Nos homens analisados, Julio encontrou, em casos de abortos induzidos, as angústias paranoides, confusionais e depressivas devido ao filicídio. Além disso, em todos os casos analisados, há tanto uma vivência de castração pela equação pênis = feto como também fenômenos regressivos derivados da identificação com o feto, entre os quais se destacam as atuações masoquistas e as inibições sublimatórias. Nosso autor descreve uma tipologia familiar frequente nos pais do homem que aborta, conformada por um “pai ausente como pai e presente como sedutor, com traços femininos marcados”, submetido à esposa, e com características maníacas. Também assinala a identificação com o *casal parental filicida* e a rivalidade fraterna, onde a parceira representa a mãe grávida, e o feto, o irmão odiado. Quanto maior é a inveja pela capacidade criadora da mãe, maior é a tendência a abortar e, como retaliação superegoica, isso se traduz na perda da própria capacidade criadora.

As inibições sublimatórias descritas por Aray tanto nas mulheres como nos homens e nos filhos de ambos, são produto da culpa persecutória resultante do desejo, nas crianças, e do ato filicida dos pais.

Penso que a lição mais importante que nos transmite Julio Aray através desse texto fundamental, é que o *modelo abortivo* é repetido. Essa é a chave que se deve ter presente no tratamento das pessoas que já tiveram algo a ver com um aborto. Essas pessoas têm a tendência a repetirem esse fato traumático em todas as áreas de vida, incluindo o tratamento psicanalítico e as fontes fundamentais da felicidade, que tal como Freud afirmava, são o amor e o trabalho.

Referências

Aray, J. (1968). *Aborto. Estudio psicoanalítico*. Buenos Aires: Hormé.

Aray, J. (1979). *Sadismo en la enseñanza*. Caracas: Monte Ávila.

Devereux, G. (1955). *A study of abortion in primitive societies*. Nova York: International Universities Press.

² Julio gostava da companhia de colegas queridos e admirados. Neste livro participaram Arnaldo e Matilde Rascovsky, Sara G. de Jarast e Eduardo Kalina, que trabalhou com dependentes de drogas em Caracas.